



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SANDRA APARECIDA DOS SANTOS FERREIRA DE QUADROS

(entrevista)

2018

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-889

Entrevistada: Sandra Aparecida dos Santos Ferreira de Quadros

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Foz do Iguaçu, PR (Via Skype)

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 01/11/2018

Transcrição: William Charles Osório Gomes

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 27 minutos e 37 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Iniciação esportiva; Competições de handebol; Presença do público; Clubes que atuou; Arbitragem no handebol; Presença de mulheres em cursos de arbitragem; Arbitragem como profissão; Xingamentos; Primeiras árbitras; Dificuldades encontradas na arbitragem; Competições de handebol; Liga de Handebol do Paraná; Etapas do curso de arbitragem.

Foz do Iguaçu, 01 de novembro de 2018. Entrevista com Sandra Aparecida dos Santos Ferreira de Quadros a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Bom Sandra, primeiramente eu quero te agradecer mais uma vez por conceder essa entrevista, é um prazer imenso estar te conhecendo. Eu gostaria que tu começasse contando um pouco da tua formação, e como que tu iniciou na área do esporte.

S.Q. - Então, eu comecei jogando handebol aqui pelo meu município¹, aí chegou na fase adulta, aí vem a faculdade, vem trabalho, aí resolvi me dedicar um pouquinho mais a arbitragem. Fiz um curso pra arbitrar estadual, concluí o curso com provas, com testes, uma carga horária pré-determinada pela nossa Federação, pela nossa Liga² na verdade. E sou árbitra desde 2003.

J.K. - 2003, certo. Tu começaste a jogar handebol só na escola?

S.Q. - Na verdade eu comecei um pouco tarde, fora do comum, geralmente se inicia na escola, na faixa etária de 12 anos, eu comecei um pouquinho mais velha. Eu fui direto treinar no ginásio, eu e uma amiga minha a gente sempre teve interesse em fazer um esporte e combinamos e fomos treinar no ginásio, que tem aqui na cidade. Isso eu tinha na base dos 16 anos.

J.K. - 16 anos, começou um pouco mais tarde. E essa escolinha, era tipo uma escolinha do município nesse ginásio?

S.Q. - É, na verdade assim, já era equipe de rendimento juvenil, aí eu comecei ali e participei da minha idade, participei somente de um Jogos da Juventude que a gente tem aqui no Paraná, que é até 18 anos.

J.K. - Certo. E quando tu participaste desse jogo como que foi a presença do público?

¹ A entrevistada está se referindo a Foz do Iguaçu, município do Estado do Paraná.

² Liga Paraense de Handebol.

S.Q. - Olha, o handebol ele é muito praticado dentro das escolas, até é uma das modalidades mais praticadas, coletivas mais praticadas, mas não tem um público muito bom não. Somente mesmo quem faz parte do handebol e que acompanha. A gente não tem um público de outras modalidades aí.

J.K. - E isso tu também percebes agora como árbitra?

S.Q. - Sim. Nós tivemos uma exceção agora que foi nos Jogos Olímpicos no Rio em 2016, que teve uma lotação bem, bem bacana aí nos jogos do handebol. No total foi bem surpreendente assim, mas isso tem que contar com o público que vem de fora e outros fatores assim. Isso é algo bem inusitado. É, em algumas cidades hoje se tem o handebol um pouco mais divulgado, mais trabalhado, você consegue um público aí, mas nenhuma lotação total de ginásio, isso aí não tem.

J.K. - Sim, certo. E tu já chegou a trabalhar como técnica de algum clube, na área do handebol?

S.Q. - Hoje eu sou técnica aqui da equipe juvenil de Foz, sou professora de Educação Física, sou formada desde 2004 e sempre trabalhei com polo, com iniciação, a gente chama de polo aqui, que são a iniciação. Aí desde o ano passado eu estou à frente da equipe aqui, juvenil, e participo com elas de Jogos da Juventude, eu trabalho com categoria até 17 anos. Trabalho ainda com a base, com meninos e meninas, na base até 14 anos e com rendimento, que seria do município, até 17 anos.

J.K. - Certo. E como que tu chegaste a se tornar árbitra? Tu tiveste alguém que tu te inspiraste para se tornar árbitra de handebol.

S.Q. - Na verdade não. Na verdade, foi o meio mesmo que me conduziu a fazer o curso de arbitragem, me tornar árbitra. Na verdade, não era algo assim planejado, eu fui, fiz o curso, eu era acadêmica de Educação Física, então foi o meio mesmo que me direcionou. Aí as oportunidades foram aparecendo e eu fui me encaixando.

J.K. – Certo. Tu disseste que fez o curso em 2003, foi?

S.Q. – O curso foi em 2000, mas eu fiquei dois aninhos só com o cadastro feito, não atuava e voltei a atuar em 2003. Trabalhei como secretária, cronometrista, em outras palavras, anotadora, no Mundial³ que teve aqui em Foz do Iguaçu em 2003. Daí para frente eu comecei a me interessar mais pela arbitragem.

J.K. - Certo. E quando tu fizeste esse curso tu já tinhas uma dupla? Ou tu fizeste individual?

S.Q. - Não, não, você faz individual, aí conforme o tempo você vai trabalhando, geralmente tem os avaliadores que nos acompanham em jogos, pelo menos aqui no Paraná funciona dessa maneira, em alguns Estados não. “Você tem um perfil para apitar com tal pessoa, o que é que você acha?” Eu fui em uma competição aqui, numa fase final de jogos escolares e tinha a Juliana⁴ lá, minha dupla que nós estamos juntas até hoje. E nos colocaram a apitar junto, aí resolvemos, nós acordamos de fazer a dupla e estamos aí até hoje.

J.K. - Coisa boa, se encontraram.

S.Q. - É.

J.K. - E nesse curso que tu fizeste em 2000, já tinham outras mulheres que estavam fazendo junto contigo?

S.Q. – Sim. Eu vou me recordar bem pouco, mas tinham alguns atletas que fizeram o curso na época também, de outras equipes, mas não deram sequência. É, na época que eu fiz o curso já existiam uma dupla feminina aqui no Paraná, a Elcia⁵ e a Maria Fernanda⁶. A Elcia é de Maringá⁷ e a Maria Fernanda é daqui da minha região, região Oeste. E elas já apitavam, já tinha trabalhado iniciado na arbitragem.

³ Campeonato Mundial Júnior de Handebol Masculino.

⁴ Juliana da Silva Lima.

⁵ Elcia Regiane Picolo.

⁶ Maria Fernanda Petroni.

⁷ Município do Estado do Paraná.

J.K. - Outra coisa que eu ia te perguntar: hoje como árbitra tu consegues ver a arbitragem como uma profissão?

S.Q. - Não, infelizmente não! Não, você não consegue se manter somente de arbitragem. Digamos assim, em outros estados, São Paulo que tem um volume maior de jogos, de competições, alguns árbitros, que eu não posso dizer que vivem, mas que apitam bastante sabe, até que dar um dinheiro razoável. Mas eu falo assim, são exceções. O Estado de São Paulo pelo tamanho, pelo número de jogos que acontece. Mas não tem como eu ter somente a arbitragem para me manter financeiramente.

J.K. - Como árbitra a gente sabe, não só no handebol, mas em várias outras modalidades esportivas tem certos xingamentos para a arbitragem. Nos jogos que vocês apitam também tem esses xingamentos?

S.Q. - Olha, é, esse tempo todo que eu estou arbitrando eu falo que o público do handebol é um pouco diferente. Como você está em um ginásio, em um espaço menor, às vezes o público é um pouco mais limitado, você consegue identificar quem que está te xingando ou falando algum palavrão. Mas assim, não é nada chocante, é uma cultura diferente do futebol que você vai em um estádio, o cara está lá tantos metros do árbitro de campo ali, sabe, como é que você vai mudar essa cultura? Entendeu? No handebol ele é um pouco mais... É uma cultura mais educada, digamos assim.

J.K. - E agora pensando o handebol mais em nível nacional, tu saberias me dizer qual foi a primeira mulher que entrou para o quadro de arbitragem da CBHb⁸.

S.Q. - Olha, na sequência eu não vou saber, mas nós tivemos uma dupla de arbitrar internacionais, que foi o nível máximo primeiro que nós chegamos aqui, foi a Carla e a Silvana⁹, elas são de São Paulo.

J.K. - É a Carla Righeto?

⁸ Confederação Brasileira de Handebol.

⁹ Silvana Maria Silva.

S.Q. - Isso.

J.K. - A Carla eu já entrevistei.

S.Q. - Isso são elas, que chegaram a esse nível. Eu não tive a oportunidade nesse tempo todo de conhecê-las, mas assim, as pessoas que trabalharam com elas, comentários de alguns jogos que a gente já apitou fora do Brasil: “A Carla e a Silvaninha”, sabe, sempre foram muito bem faladas pelo trabalho delas.

J.K. - Sim. E hoje no quadro internacional tem alguma dupla de mulheres do Brasil?

S.Q. - Do Brasil não!

J.K. - Do Brasil não?

S.Q. - Trabalhando pela IHF¹⁰, que nós temos nossas divisões. Você se torna árbitra, como eu e a Juliana nos tornamos continentais, aí você tem o outro passo que seria a IHF. Do Brasil nós não temos ninguém!

J.K. - Certo. E no quadro nacional, hoje, tem quantas duplas de mulheres? Pela CBHb.

S.Q. - Olha, eu estou um pouco por fora assim, de quantas mulheres tem. No Paraná nós, de atuantes, hoje somos duas duplas femininas. Em Santa Catarina são duas duplas, a Silvia¹¹ e a Márcia¹², as gêmeas a Renata¹³ e Bruna¹⁴, atuantes! Em Minas Gerais eu sei que tem uma dupla também. São Paulo tem a Natália¹⁵ e a Karina¹⁶. No Rio Grande do Norte eu sei que tem as meninas também. Tinham pessoas... Vou errar o estado aqui talvez [riso]. É, tem a Geisiane¹⁷ e a Luana¹⁸, são mais do meu início assim, mais da minha época.

¹⁰ Federação Internacional de Handebol.

¹¹ Sylvia Mariah.

¹² Márcia Rodrigues.

¹³ Renata Garcia.

¹⁴ Bruna Garcia.

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Geisiane Albuquerque.

¹⁸ Luana Pantoja.

Nosso... Eu falo assim, mulher tem que sofrer em todos os lados, eu falo porque às vezes a gente não dá uma sequência na carreira ou até mesmo pelo trabalho, filhos, casamento, “N” coisas, não é?

J.K. - E tu acha que o fato das mulheres, algumas, que até mesmo fazem o curso de arbitragem, mas não dão continuidade, tu acha que isso se deve por quê?

S.Q. - Olha, tem vários fatores, tem “N” situações. Falo que talvez o incentivo, o caminho para mulher é um pouco mais difícil. Difícil no sentido de que as mulheres, quando são casadas, para sair de casa é um pouco mais complicado que o homem. Então, a gente enfrenta várias barreiras, são poucas que conseguem ultrapassar esses obstáculos. A questão do filho, você deixa seu filho em casa, a questão do trabalho, então, são vários fatores. Eu como árbitra realmente acredito e torço para que o nosso quadro fosse bem maior de mulheres, talvez falte um pouco mais de incentivo para mulher, mas não só na arbitragem, acho que isso é de uma maneira geral.

J.K. - Aqui no Rio Grande do Sul as árbitras me contaram que, pelo fato de ter poucos jogos, elas acabam não apitam com a dupla delas. Então às vezes apitam com uma outra mulher ou com um homem. Aí no Paraná também é assim?

S.Q. – É. Essa questão de jogos a nível estadual varia de Estado para Estado. O nosso Estado aqui é rico em jogos, então a gente tem esse volume maior de jogos, então você acaba trabalhando um pouco mais. Tem alguns Estados que são bem mais carentes, então dificulta bem mais o trabalho. Aqui também, em alguns jogos até mesmo pela questão da logística, a Juliana mora a quatrocentos quilômetros de onde eu moro, então não é toda a competição que a gente está juntas. Então geralmente a gente vai para as competições mais importantes e a nível nacional. Quando é um Regional, Jogos Regionais ou uma Copa, alguma coisa mais próxima assim, geralmente a gente apita com outras pessoas.

J.K. - Certo. E quando tu começou, ou até mesmo hoje em dia, tu chegou a apitar com homens também?

S.Q. - Apitei, apitei sim, isso é comum. Isso é comum! É, não temos hoje no Brasil uma dupla *mista*, mas é comum sim, de apitar com homens e mulheres.

J.K. - E quanto tu iniciaste na arbitragem tu sentiu alguma dificuldade por ser mulher?

S.Q. - Com certeza, com certeza! É um mundo masculino, tem... Acredito que não tem como você não falar que não é, porque é. A gente sente isso na pele, só que eu falo que com o tempo fui conquistando o meu espaço. Sempre tem aquela situação de você se impor: “Eu estou aqui para fazer o meu trabalho e não faço diferente de um homem”. Mas, a cultura talvez, o machismo que pensa que a mulher é inferior em certas situações ou... Na realidade eu não sei, mas senti muito na pele essa questão por ser mulher. Em determinados jogos “mulher não apita jogo masculino”, já peguei coordenador que não escala mulher em jogo masculino, então tem... A gente foi quebrando essas barreiras assim, mas já passei muito por isso sim.

J.K. - E, assim, pensando mais na questão do handebol em si, à nível nacional, ele sendo um esporte olímpico, como que tu vê a participação das equipes do Brasil, tanto dos homens quanto das mulheres? Como é o desempenho deles em competições?

S.Q. - Nós tivemos o Brasil campeão do Mundial feminino¹⁹, foi algo surpreendente mesmo, até ontem eu estava assistindo, relembrando um jogo do Mundial e foi um trabalho assim que eu acho que vai demorar um tempo ainda para o Brasil conquistar novamente. Nós tivemos a oportunidade de trabalhar em alguns acampamentos com o Jordi²⁰ que era técnico da Seleção, até os Jogos Olímpicos, então a gente viu, ele fez um trabalho extraordinário aqui no Brasil, *fantástico*, que infelizmente terminou nos Jogos Olímpicos ali, por “N” questões dentro da CBHb. E nos Jogos Olímpicos... Eu trabalhei nos Jogos Olímpicos, eu e a Juliana nós trabalhamos nos Jogos Olímpicos, então nós podemos assistir ali de pertinho, os jogos, ver, sentir o clima. O Brasil fez um jogo espetacular, Brasil masculino, fez um jogo espetacular com a Alemanha, ganhou da Alemanha, eu estava trabalhando nesse jogo, infelizmente eu estava na mesa, não podia torcer, mas sabe, era ver aquela torcida, o povo encantado, foi muito bom! Mas infelizmente hoje a

¹⁹ Campeonato Mundial de Handebol Feminino.

²⁰ Jordi Ribera.

Confederação passa por alguns problemas e vai demorar um pouco para se reestruturar novamente o handebol no Brasil. O feminino eu esperava um pouco mais do resultado, mas não foi.

J.K. - E em relação a essas competições que a gente citou, as Olimpíadas ou até mesmo os Mundiais de handebol, como que tu vê a presença das mulheres na arbitragem dessas competições?

S.Q. - Olha, nós tivemos aqui no Rio de Janeiro três duplas femininas, que hoje quem está no topo são as francesas, as gêmeas. E quem apitou a final foram as norueguesas e tem as russas. As norueguesas, outro dia teve uma matéria, vi que elas encerraram a carreira porque não iriam apitar jogos masculinos. De chegar a um Mundial masculino, apitar jogos masculinos. Fora a gente ainda encontra um pouco essa questão, cultural também, uma mulher de repente ir para o Mundial apitar um jogo de uma equipe, que tem essa restrição com mulheres, então é um pouco mais complicado. Até hoje quem apitou jogos masculinos em Mundial, somente as francesas mesmo. Hoje a nível de América... Porque houve uma mudança política que também não sei nem que nomenclatura usar ainda, eu estou por fora. Hoje árbitras continentais somente eu e a Juliana, uma outra menina da Argentina se tornou continental a pouco tempo e agora passou à IHF, à árbitra internacional. Mas a gente vê um trabalho da IHF sendo feito para as outras mulheres aí, e é bem bacana.

J.K. - Sim. E tu consegue ver esse trabalho, da mesma forma que a IHF tem, com relação as mulheres na arbitragem, tu consegue ver na Liga Paranaense também?

S.Q. - A Liga¹⁵ sempre nos incentivou bastante aqui. Sempre tem dupla feminina nos principais jogos do Paraná, nós temos das meninas mais novas... A dupla que antecedeu eu e a Juliana foi a Jenis²¹ e a Juliana também, uma dupla feminina, que por questões de trabalho, uma decidiu ter filho, também encerraram a carreira. Aí estou eu e a Juliana nos mantendo. Aí tem uma dupla mais nova que nós, a Ana²² e a Tayná²³ que estão aí

¹⁵ Liga de Handebol do Paraná.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Ana Carla Bernardo Alves.

²³ Tayná Pugina Silva.

despontando também à nível de Brasil e fizeram curso para árbitra nacional, aí de nacional já tem dois anos.

J.K. - E a Confederação ela tem algum projeto de visibilidade para a arbitragem das mulheres?

S.Q. - Olha, não. Não tem! É até algo complicado de falar assim, talvez você critique o trabalho de alguém que esteja à frente, mas não tem, não tem. Nós encontramos hoje cada... Quando você vai fazer um curso nacional, o seu Estado te indica, o diretor de árbitros do seu Estado indica qual dupla está preparada para fazer um curso para nacional. Aí, geralmente existe, geralmente não, tem sempre uma vaga feminina disponível, você pode mandar, essa vaga vai ter uma vaga para uma dupla feminina. Não são todos os Estados que mandam, até mesmo por não ter, mas a Confederação ela disponibiliza essa vaga, que foi o caso das meninas do Rio Grande do Sul, tinha o curso que elas fizeram elas passaram à nacional. Mas a Confederação não tem um acompanhamento assim, dá arbitragem em geral. Você faz o quadro lá e você faz parte do quadro lá [risos].

J.K. - E como que funciona as etapas pra se tornar árbitra nos diferentes níveis assim, tanto estadual, o nacional e o internacional.

S.Q. - Dentro do meu Estado é... Isso varia de estado para Estado, *dentro* do Estado. No Paraná nós temos algumas categorias, quando eu passei à arbitra estadual, eu me tornei arbitrar estadual “C”, aí você vai fazer um curso de ascensão, de “C” vai para “B” e de “B” vai para “A”. Quem chega na categoria “A” tem condições já de fazer um curso para árbitro nacional. Há algumas situações em que se pula essa etapa porque, às vezes, você vê uma pessoa com bom potencial, que essa dupla é bacana, eles vão fazer um curso para nacional. Daí a gente não pode deixar essa oportunidade passar meramente por uma burocracia, não é. E aqui dentro do Estado isso varia também pelas questões da diária que você recebe. O Estadual “B” ganha mais que o “C”, e uma “A” ganha mais que um “B”. Aí você passa à árbitro nacional e dentro da Confederação também existe essas categorias, “C”, “B” e “A”, funciona também dessa maneira e a taxa da diária também muda.

J.K. E as provas, é prova teórica e prova física que tem?

S.Q. São provas teóricas e prova física e prova prática, que quando você faz [trecho inaudível] tem um avaliador lá.... Para eu fazer um curso de árbitra aqui no Paraná, eu não tive avaliação prática, eu comecei precisar tirar a média para poder passar e o acompanhamento foi feito ao longo dos jogos que eu participei, mas para árbitro nacional sim, você tem um avaliador, porque geralmente está em uma competição e esse avaliador te avalia na prática também.

J.K. - É bem parecido como aqui no Rio Grande do Sul.

S.Q. - É, geralmente a maioria dos estados eles acompanham essa... Como a Confederação faz.

J.K. - Agora eu queria te perguntar se tem algum objeto, ou algo que simbolize para ti a arbitragem ou a tua trajetória na arbitragem.

S.Q. - Um objeto?

J.K. - Isso.

S.Q. - Na verdade, nosso material de trabalho, o apito, os cartões, é o que eu carrego. Eu falo... Até outro dia estava com a minha bolsa de passeio e tinha um apito, eu falo assim: “Onde eu vou, eu tenho um apito comigo.” Eu tenho um apito guardado dentro do armário, tenho um apito no carro, tenho um apito na mochila de trabalho, na mochila de passeio. É assim.

J.K. - O apito é o que representa a arbitragem.

S.Q. - É o apito sim!

J.K. - Bom, essas eram as perguntas que eu tinha para te fazer, não sei se tu queres colocar mais alguma coisa que eu não te perguntei.

S.Q. - Não, não. Nada me vem a cabeça agora, não.

J.K. - Então eu te agradeço novamente por ter cedido a entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]